

## Fatores de influência no ensino da percepção musical: uma revisão de literatura

### Comunicação

*João Fortunato Soares de Quadros Júnior*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*joaoquadros@ufop.edu.br*

*Igor Hemerson Coimbra*  
*Universidade Estadual de Montes Claros*  
*Igor.coimbra@unimontes.br*

*Bárbara Luiza Alves Pereira*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*barbara@ufop.edu.br*

*Fernanda Sampaio de Almeida*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*fernandasampaioidealmeida@gmail.com*

*Raíssa Anastásia de Souza Melo*  
*Universidade do Estado de Minas Gerais*  
*raissaflauta@gmail.com*

*Nádia Terezinha Leocádio Campos*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*nadia.campos@aluno.ufop.edu.br*

*Dallyane Drielle de Lima Carvalho*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*dallyane.carvalho@aluno.ufop.edu.br*

*Lívia Helen Martins*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
*livia.helen@aluno.ufop.edu.br*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar propostas motivacionais para o ensino da percepção musical, tendo ritmo como elemento pedagógico a ser trabalhado a partir de novas abordagens metodológicas. Sendo a percepção musical um dos principais eixos da formação teórica de músicos e professores de música, buscamos identificar, por meio de um levantamento bibliográfico, os principais desafios enfrentados pelos sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem deste componente. Situações como a fragmentação do ensino de percepção musical; o repertório pouco conhecido pelos estudantes, a dificuldade de praticar

esses conteúdos fora da sala de aula; a insegurança e a falta de oportunidade de correção de erros, são algumas das críticas fortemente apontadas pelos estudantes nos trabalhos analisados. Essas características apontam para um modelo tradicional do ensino de percepção musical, aplicado em escolas e universidades, que se fundamentam em métodos europeizados. Entendemos que metodologias como essa podem ser consideradas inadequadas para a maioria dos estudantes brasileiros, uma vez que desconsideram o contexto social em que esses estudantes se desenvolveram e aprenderam a ouvir e fazer música. Apresentamos novos aspectos contemporâneos para o ensino com base em culturas locais, repertórios de músicas populares e o entendimento de diversos conceitos que contemplam os estudos em teoria da música. Nesta perspectiva, este trabalho propõe como metodologia alternativa para o ensino de percepção musical premissas inspiradas em fatores motivacionais e, para isso, consideramos que o ritmo é o elemento musical que mais pode gerar motivação para aprendizagem dos sujeitos envolvidos, proporcionando desenvolvimento de habilidades como sensibilidade, coordenação, expressão, compreensão e comunicação musical.

**Palavras-chave:** Percepção Musical; Motivação; Ritmo.

## Introdução

O ensino de percepção musical desempenha um papel crucial na formação musical, pois permite que os estudantes desenvolvam habilidades perceptivas e cognitivo-musicais consideradas como fundamentais para o fazer e a compreensão musical (OTUTUMI, 2013). Autores como Gonçalves e Araújo (2014) destacam que a percepção musical está presente enquanto componente curricular obrigatório na maior parte dos cursos de graduação em Música, o que justifica a importância que ela recebe dos pesquisadores da área. De acordo com Backer e Green (2019), este componente trata-se de uma ferramenta que propicia o desenvolvimento auditivo, a leitura musical, a composição, a improvisação e a interação musical, estruturada geralmente em três frentes: percepção melódica, rítmica e harmônica. Assim sendo, o presente artigo propõe-se a discutir as problemáticas relacionadas à percepção musical e a analisar de que forma a teoria histórico-cultural, a motivação e a autoeficácia podem contribuir para a melhoria da compreensão deste componente.

## Problemáticas relacionadas ao ensino de percepção musical

O ensino de percepção musical envolve diversas problemáticas que se relacionam aos métodos e à realidade dos próprios sujeitos (BERNARDES, 2011). Otutumi (2013) aponta

que os estudantes necessitam de um esforço adicional para superar os conteúdos exigidos por essa disciplina. Esse esforço está geralmente relacionado aos seguintes pontos críticos: identificação de elementos musicais, ensino fragmentado, repertório pouco familiar, abordagens inadequadas a esse ensino, além das dificuldades individuais de cada estudante. Segundo Moreira (2023), a realidade do ensino de percepção musical no Brasil aponta para o uso de metodologias em que a fragmentação dos conteúdos e a falta de sentido no repertório utilizado são evidentes. Para essa autora, as dificuldades na aprendizagem da percepção musical começam na identificação e no reconhecimento de elementos musicais, como ritmo, melodia e harmonia. Fisher (2017) afirma que isso pode ser devido às diferenças individuais na capacidade auditiva, no processamento cognitivo ou à falta de treinamento prévio.

Para Moreira (2023), os professores que ministram esse componente também relatam fatores limitantes para o processo de ensino, como a carga horária pequena, tipos e níveis de conhecimentos musicais distintos entre os estudantes e, principalmente, a falta de prática constante dos tópicos primordiais da disciplina. Segundo essa autora, as dificuldades na aprendizagem da percepção musical estão no fato de os discentes se sentirem inseguros “em identificar se estavam afinados ou quando tocavam alguma nota ou ritmo errado” (MOREIRA, 2023, p.65), bem como na falta de conexão entre os exercícios trabalhados em aula e as músicas feitas por esses estudantes fora do ambiente escolar. Rodrigues (2013) corrobora com essas afirmações ao dizer que os estudos individuais dos estudantes, apesar de um esforço válido, não têm a oportunidade de correção imediata.

Um dos pontos mais observados na literatura científica relacionado às problemáticas do ensino de percepção musical está na fragmentação do ensino que vai em descontração a uma abordagem mais ampla da linguagem musical (BARBOSA, 2009; OTUTUMI, 2013; RODRIGUES, 2013). Muitas vezes, o ensino da percepção musical é fragmentado e apresenta pouca integração com outras disciplinas musicais. Isso pode levar os estudantes a ver a percepção musical como uma habilidade separada e desvinculada do resto do seu estudo musical, dificultando a aplicação prática dos conceitos aprendidos. Sobre o ensino fragmentado da música, Saraiva (2010) aponta que é uma problemática do ensino tradicional, pois geralmente vem mencionado como aspecto central ou junto a alguns outros aspectos que afetam negativamente o processo de aprendizagem musical. Para esse autor, o problema



está na divisão do conteúdo da disciplina por grau de dificuldade, sugerindo que o processo de percepção musical ocorre de pequenas partes para o todo (BARBOSA, 2009).

O repertório também é visto como um complicador do processo de aprendizagem da percepção musical que, segundo Moreira (2023), baseia-se na preferência que os professores apresentam pelo uso de um conteúdo prioritariamente europeu, que acaba não fazendo muito sentido para o estudante. O ensino tradicional da percepção musical muitas vezes se concentra em gêneros e estilos musicais específicos, negligenciando a diversidade musical existente. Isso pode limitar a compreensão dos estudantes e dificultar a aplicação dos conceitos aprendidos em diferentes contextos musicais. A esse respeito, Saraiva (2010) critica a pouca presença da música popular nos currículos das universidades e, conseqüentemente, no ensino da percepção musical. Todavia, Moreira (2023) esclarece que a inclusão de novos estilos musicais e de um repertório diferenciado não são suficientes para trazer uma nova abordagem metodológica. Para a autora, é valioso considerar uma metodologia que seja fiel à maneira como esse repertório foi construído, a fim de privilegiar, também, novos referenciais teóricos e críticos.

Os pontos críticos descritos até aqui compõem um modelo tradicional do ensino de percepção musical. Autores como Otutumi (2013) e Moreira (2023) acreditam que esse modelo não auxilia o estudante a compreender a linguagem musical integralmente. Pesquisas sugerem a ineficiência de alguns métodos de ensino da percepção musical por não privilegiarem as necessidades individuais dos estudantes. Dessa forma, esse conjunto de fragilidades inerentes ao ensino de percepção musical pode resultar em falta de engajamento, desmotivação e dificuldades de aprendizado.

Considerando os pontos abordados até aqui, as críticas ao ensino de percepção musical estão pautadas no privilégio do repertório musical europeu, assim como em uma metodologia tradicional de ensino. Neste contexto, Moreira (2023) percebe que um estudante de Música apenas será considerado educado musicalmente se souber ler e escrever música de acordo com as regras de notação dentro desses padrões tradicionais. Essas problemáticas destacam a importância de abordagens mais eficientes, inclusivas e práticas no ensino da percepção musical, visando superar as dificuldades enfrentadas por estudantes e professores, objetivando uma formação musical mais completa e democrática.

Barbosa (2009) corrobora com essas ideias ao dizer que o ensino tradicional se torna incompatível com a concepção da música como linguagem, uma vez que nesse contexto a música é trabalhada como elemento isolado. Essa concepção tem ganhado aceitação significativa nos últimos anos, sugerindo o desenvolvimento de ferramentas metodológicas inovadoras para esse processo, no qual a música não seja um elemento desconectado de um contexto cultural, social e que valorize os conhecimentos prévios dos envolvidos.

### **Perspectivas alternativas para o ensino de percepção musical: teoria histórico-cultural e autoeficácia**

Barbosa (2001) defende a possibilidade de se considerar a perspectiva histórico-cultural no ensino da percepção com o objetivo de valorizar a prática e o contexto cultural dos sujeitos. Esse tipo de abordagem tem como referência Vigostki (1998) e seus seguidores, Luria (1991) e Leontiev (1996), e reconhece a natureza social e mediada dos processos psicológicos superiores. Nessa proposta, o desenvolvimento da percepção passa a ser compreendido como um conjunto de influências culturais que propiciam a aprendizagem dos indivíduos (VIGOSTSKI, 1998). Assim sendo, a formação social e cultural dos indivíduos passa a influenciar diretamente a compreensão de todos os seus sentidos e sua construção como ser.

Luria (1991) traz uma contribuição importante ao discutir a diferença histórica entre a audição humana e a audição animal, considerando o sistema rítmico-melódico (musical) e o sistema fonemático (língua) de códigos. Segundo Luria (1991), o sistema fonemático é o que possibilita a percepção sonora a partir da organização do que se passa pelo ouvido humano. Assim, a percepção musical surge da apropriação que o indivíduo faz e diferencia as significações da produção de tons.

Os pressupostos de Luria (1991) têm proporcionado novas formas de compreender os estudos sobre a percepção ao promover a ação perceptiva como uma intercessão da realidade complexa em diferenciação das sensações elementares. Assim, os órgãos dos sentidos, os sistemas complexos e a síntese de sensações ampliam a compreensão da percepção musical (LURIA, 1991). Gibson (1979) corrobora com essas discussões a partir de sua teoria da percepção ecológica, em que ressalta a importância da interação entre o organismo perceptivo e o ambiente complexo no desenvolvimento da percepção. Desta

maneira, para os autores, o processo de compreensão da percepção musical não pode ser limitado a sensações isoladas, mas sim à junção de toda construção histórico-cultural dos sujeitos.

Portanto, buscar novas possibilidades dentro das teorias da aprendizagem para o estudo e ensino da percepção musical em contradição às teorias que vêm sendo utilizadas tradicionalmente pode ser um caminho para as problemáticas ao entorno da disciplina. Através da compreensão da realidade histórica e cultural dos sujeitos, mediada pelos processos psicológicos, o processo de ensino pode começar a superar as problemáticas em relação ao método e a aprendizagem dos sujeitos.

Um segundo aspecto de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem musical e que merece destaque nesta discussão é a motivação. De acordo com Sloboda (2008, p. 301), “o maior fator do progresso em qualquer aprendizado é o próprio aprendiz, os procedimentos de que dispõe e as motivações que tem”. Segundo Cavalcanti (2009), a motivação está relacionada a expectativas, valores e interesses pessoais, crenças de autoeficácia e metas, dando ênfase às experiências e aos afetos do ser humano, relacionando-os com o ambiente onde está inserido. Por isso, ela pode ser considerada um dos meios efetivos para o desenvolvimento musical.

De acordo com O’Neill e McPherson (2002), a motivação faz parte do processo de aprendizagem e contribui para que o estudante adquira habilidades relacionadas ao comportamento. Segundo esses autores, tais habilidades irão permitir que o discente alcance inúmeros objetivos pessoais, inclusive no que se refere às competências musicais. Neste sentido, a motivação traz benefícios referentes à adaptação e ao aprendizado e caso exista uma diminuição desta motivação, a capacidade de adaptação será influenciada criando uma possível desistência (GONÇALVES; ARAÚJO, 2014).

Estudos como os de Schneider (2011) mostram que crenças de autoeficácia são fundamentais para o processo motivacional, inclusive em relação a estudantes de música. Este autor destaca que a autoeficácia relacionada à motivação pode bloquear ações ou liberá-las. Autoeficácia, portanto, estaria ligada à confiança que o estudante tem sobre a sua própria capacidade de desempenho e, assim, apresenta-se como um dos fatores que pode ser determinante para a motivação da prática musical. Podemos considerar, de maneira inversa,

que a “falta de confiança do estudante em suas capacidades e habilidades gera desmotivação, que é caracterizada pela baixa percepção de competência para a realização de determinada atividade” (GONÇALVES; ARAÚJO, 2014, p. 140).

Gonçalves e Araújo (2014) realizaram um estudo que visou encontrar ferramentas ou estratégias que auxiliassem na melhoria do ensino e na superação das dificuldades enfrentadas pelos estudantes de percepção musical. Esses autores sugerem que favorecer um processo de fortalecimento das crenças de autoeficácia poderiam levar a um aprendizado mais efetivo deste componente musical. Em seu trabalho, eles sugerem alguns elementos que podem auxiliar nesse processo, tais como:

1. O professor deve incentivar o estudante a desenvolver uma autonomia dos seus estudos, o auxiliando a organizar a prática cotidiana da percepção musical, mostrando estratégias e atividades em que o estudante consiga desenvolver suas habilidades através de estudos individuais.
2. O estudante deve estar inserido em um contexto no qual os elementos de percepção trabalhados em aula aconteçam, possibilitando assim uma maior familiaridade com os conteúdos estudados. Por exemplo, a apreciação ativa do repertório musical da preferência do discente pode possibilitar que ele adquira um maior domínio dos aspectos rítmicos, harmônicos e melódicos.
3. Deve ser incentivado o estudo cotidiano e com regularidade dos conteúdos práticos da percepção musical, tanto de forma isolada, mas sobretudo com a aplicação no instrumento musical ou canto, permitindo que o discente aumente sua familiaridade e o seu domínio dos aspectos exigidos na prática da percepção musical.
4. O professor deve estar atento aos aspectos psicológicos envolvidos na aprendizagem do estudante, identificando possíveis variáveis de influência nesse processo, bem como buscando estratégias que permitam uma melhor compreensão dos conteúdos lecionados.

De acordo com Costa e Boruchovitch (2006), o fortalecimento das crenças de autoeficácia é o que permite a elevação do nível de motivação, estimulando dessa forma o esforço e a persistência. Portanto, podemos analisar que quanto mais o estudante - no nosso caso, o estudante de música - confia em suas habilidades e capacidades, maior será seu nível

de motivação diante do enfrentamento das dificuldades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem musical.

Nesse contexto, o componente foco deste trabalho (percepção musical) apresenta atividades que por vezes podem ser consideradas desgastantes a depender do tipo de abordagem utilizada. Gonçalves e Araújo (2014) indicam que as atividades de ditados e de solfejos musicais são aquelas que apresentam uma maior necessidade de criação de novas estratégias de leitura. As autoras sugerem que uma solução seria “investigar melhor quanto às motivações e resistências dos estudantes para com o estudo de percepção – cientes de que sempre haverá opiniões contrárias, apesar dos cuidados pedagógicos, técnicos e até mesmo estrutural-institucional” (GONÇALVES; ARAÚJO, 2014, p. 149). Um professor atento aos processos motivacionais e à autoeficácia pode encontrar elementos psicológicos envolvidos no ensino da percepção musical, conseguindo subsídios para buscar novas abordagens e estratégias didático-musicais e pedagógicas que possam melhorar o desenvolvimento dos estudantes no processo da percepção musical.

### Relação entre percepção rítmica e motivação

O ensino da percepção musical contempla diversos aspectos teóricos que envolvem a linguagem musical, dos quais iremos destacar neste texto a rítmica e suas variáveis. Nesta direção, com o intuito de oferecer caminhos para que os professores de percepção musical encontrem maneiras de motivar a aprendizagem de seus conteúdos, percebemos em nossas leituras que dos três principais elementos que compõem essa disciplina - melodia, harmonia e ritmo - este último é o que mais se associa às premissas motivacionais voltadas para este ensino.

O ensino do conteúdo da percepção musical pode ser motivado pelo enfoque nas questões rítmicas em função da probabilidade de desenvolvimento de sensibilidade e habilidade relacionada ao tempo dos sons. Além disso, segundo Maletta (2014), os estudos rítmicos promovem uma maior precisão na execução musical e facilita a interação com outros músicos. Outro fator apontado por Rebelo (2022) são as possibilidades de expressão e comunicação musical, visto que o ritmo é uma ferramenta poderosa para transmitir emoções e intenções musicais. Segundo esse autor, a variação no ritmo pode transmitir sentimentos de



tensão, relaxamento, velocidade, energia e outros elementos expressivos. Assim, entendemos que o ensino motivador da percepção rítmica permite aos estudantes extrapolar repertórios engessados e os limites da sala de aula.

Fonterrada (2015) afirma a importância de elementos musicais, como o ritmo, para a estruturação e a compreensão musical, corroborando para a apreciação e a análise de diferentes estilos musicais. Entendemos que essa liberdade na metodologia de aprendizagem dá margem para a motivação em estudar, apreciar e criar conteúdos musicais. No que se refere ao ensino do ritmo, este não se limita apenas ao movimento e duração do som, mas está incorporado em diversas abordagens das formas musicais, elementos melódicos, harmônicos e em vários parâmetros musicais, incluindo andamentos, timbres, tessitura, polifonias, entre outros, estando assim intrínseco ou extrínseco no processo de ensino aprendizagem (OTUTUMI, 2013). Ribeiro e Fiamingui (2019) acreditam que a leitura e os exercícios rítmicos não podem ser elementos isolados, mas precisam estar associados a um evento musical, promovendo a sensibilização e diminuindo as dificuldades no desenvolvimento da atividade musical.

A esse respeito, Oututumi (2013) defende que o estudo do ritmo pode ocorrer através de repertórios de diferentes culturas, compreendendo assim não somente o elemento rítmico, mas os fatores humanos, sociais e culturais que levam a esta prática. Segundo Ribeiro e Fiamingui, (2019), Gramani afirma que o uso de padrões rítmicos e suas combinações e entrelaçamentos possibilitam uma ampliação da diversidade musical a partir da criação e do estabelecimento dos gêneros musicais. No que tange à diversidade de gêneros e culturas musicais, De Souza Júnior (2022) afirma que os contextos em que se dá esse ensino musical deve ser valorizado, pois trata-se da origem da formação musical desses estudantes, onde começam a se familiarizar com a criação, apreciação e o fazer musical.

Os aspectos rítmicos, auxiliam a desenvolver maiores habilidades e diversidade no ensino de percepção (OTUTUMI, 2013). A dificuldade em muitos casos está relacionada ao uso dos métodos que aplicam o ensino do ritmo a partir de uma perspectiva da música europeia, orientada pela notação escrita limitada e, em muitos casos, descontextualizada (RIBEIRO; FIAMINGHI, 2019).



Existem alguns tipos de música em que a abordagem ocidental do ritmo não se mostra adequada, como por exemplo a música africana, que apresenta acentos rítmicos que fogem aos padrões da notação métrica convencional. A esse respeito, Ribeiro e Fiaminghi (2019) afirmam que o emprego de conceitos ocidentais tradicionais na transcrição e na análise da música africana tem resultado no surgimento de interpretações musicais imprecisas e, por vezes, incorretas, dificultando assim a sua compreensão. Para Otutumi (2013), todo processo de transcrição e análise de música é limitado, parcial e inconclusivo, tendo em vista que nem sempre o som executado reflete na íntegra a sua notação musical. Assim, é preciso ampliar a proposta de desenvolvimento rítmico a partir da disciplina percepção musical, não fragmentando e limitando a sua abordagem prática e teórica somente em métodos tradicionais de ensino. A ampliação do conceito e do entendimento deste conteúdo, além da partitura, permitirá aos envolvidos uma formação ampla e relacionada à sua cultura.

### Considerações finais

Dentre os desafios da disciplina de percepção musical, diversos fatores precisam ser analisados cuidadosamente, tais como: a fragmentação do ensino de percepção musical, a carga horária pequena, o repertório pouco conhecido pelos estudantes, a dificuldade de praticar esses conteúdos fora da sala de aula, a insegurança e a falta de oportunidade de correção de erros, os métodos utilizados, a forma de adaptação e de utilização desses métodos, assim como as motivações e os fatores psicológicos que possam vir auxiliar ou não no processo de aprendizado. Observou-se que essas características desafiadoras resultam do modelo tradicional do ensino de percepção, fundamentados em métodos europeizados. Considerando o contexto social da maioria dos estudantes brasileiros, essas metodologias tradicionais se tornam inadequadas. Portanto, faz-se necessário que novos métodos sejam desenvolvidos nessa área, buscando abordar perspectivas decoloniais a partir da valorização dos aspectos contemporâneos com base em culturas locais, repertórios de músicas populares, e o entendimento dos diversos conceitos que contemplam os estudos de percepção musical.

Observou-se então a importância de se ampliar a proposta de desenvolvimento rítmico no ensino da percepção musical, atentando-se às abordagens de cada autor, e suas observações dentro das variedades rítmicas existentes. O estudo do ritmo, assim como seu

ensino, deve ser entendido como um conjunto entre os próprios aspectos rítmicos, somados aos fatores culturais. É necessário compreender nos estudos que o ritmo não é um elemento isolado e sim um conjunto, por isso, para tornar esse o mesmo de mais fácil compreensão, o esperado é que os estudos sejam associados diretamente com a prática, para que não se torne um elemento abstrato. Essa ampliação na compreensão desse elemento, e seu entendimento, permitirá uma formação mais ampla e mais relacionada à cultura dos envolvidos. Pensando no contexto da percepção musical em que as atividades ou métodos podem ser desgastantes para o estudante, faz-se necessário que o professor se atente aos processos motivacionais, e também metodológicos, buscando novas abordagens e estratégias didáticas que melhorem o desenvolvimento da disciplina de percepção musical.

## Referências

BAKER, D. W.; GREEN, B. C. Music in Childhood: Enhanced Edition. *Cengage Learning*, 2019.

BARBOSA, Flávia Silveira. Percepção musical sob novo enfoque: a escola de Vigotski. *Música Hodie*, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 91-105, 2007.

BERNARDES, Virgínia. A percepção musical sob a ótica da linguagem. *Revista da Abem*, v. 6, p. 73-85, set. 2001.

CAVALCANTI, Célia R. P. *Auto-regulação e prática instrumental: um estudo sobre as crenças de autoeficácia de músicos e instrumentistas*. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/19468/Dissertacao%20-%20Celia%20Regina%20Pires%20Cavalcanti.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13/07/2023

COSTA, Elis R.; BORUCHOVITCH, Evely. A Auto-eficácia e a Motivação para Aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos. In: AZZI, Roberta G.; POLYDORO, Soely (Orgs.). *Autoeficácia em diferentes contextos*. São Paulo: Alínea, 2006. p.87-110

DE SOUZA JUNIOR, José Fagundes. Os Estímulos Musicais: uma prática da percepção em intervalos diatônicos. *Revista Eletrônica de Música da UFAL*, v. 1, n. 6, 2022.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *Ciranda de sons: práticas criativas em educação musical*. 2015.

GIBSON, James. *The Ecological Approach to Visual Perception: Classic Edition* (Psychology Press & Routledge Classic Editions) 1st Edition. 1978. 316p.

GIORGETTI, Luiz Rafael Moretto. *Práticas pedagógicas de auxílio ao desenvolvimento da escuta musical na disciplina de percepção musical*. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155935>>. Acesso em: 13/07/2023.

GONÇALVES, Lília Sobreira; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Um estudo sobre percepção musical e crenças de autoeficácia no contexto de uma instituição de ensino superior paranaense. *Revista da Abem*, Londrina, v.22, n.33, p. 137-153, jul./dez. 2014.

GROSSI, Cristina de S. A avaliação da percepção musical na perspectiva das dimensões da experiência musical. *Revista da Abem*, v. 6, p. 49-58, set. 2001.

LEONTIEV, Alexis N. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de Lev S. Vigotski. In: VIGOTSKI, Lev S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 425-470.



LIBERALI, Rafaela. *Metodologia do ensino de atividade rítmica e dança*. Indaial: UNIASSELVI, 2015.

LURIA, Alexander R. *Curso de Psicologia Geral: Sensações e Percepção*. 2ª edição, vol. II. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

MALETTA, Ernani. A interação música-teatro sob o ponto de vista da polifonia. *Polifonia*, v. 21, n. 30, 2014.

MOREIRA, Camila Claudino Martins Silva. *Educação musical e o uso da tecnologia: as TDIC's no estudo da percepção musical em um projeto social*. UNIRIO. 2023. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13646>>. Acesso em 13/07/2023.

O'NEILL, Suzan; McPHERSON, Gary. E. Motivation. In: PARNCUTT, Richard; McPHERSON, Gary. (Orgs.). *The science & psychology of music performance: creative strategies for teaching and learning*. New York: Oxford University Press, 2002, p.31-46.

OTUTUMI, Cristiane H. Vital. O ensino tradicional na disciplina Percepção Musical: principais aspectos em destaque por autores da área nos últimos anos. *Vórtex*, Curitiba, n. 2, p. 168-190, 2013.

REBELO, Matheus Carvalho. Aspectos emocionais no ensino musical na primeira infância: contribuições da neurociência. *Revista da Abem*, v. 30, n. 2, 2022.

RIBEIRO, Bianca; FIAMINGHI, Luiz Henrique. Do tempo medido ao tempo sentido: a rítmica de Gramani em uma perspectiva africanista. *Vórtex*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 1-29, 2019.

RODRIGUES, Pamella Castro. *Ouvir e fazer música com compreensão: diagnóstico do desenvolvimento da percepção musical de licenciandos em música e indicações de softwares para superação de dificuldades*. 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7967/1/Dissertacao\\_OuvirFazerMusica.pdf](https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/7967/1/Dissertacao_OuvirFazerMusica.pdf)>. Acesso em: 13/07/2023.

SARAIVA, Lourdes. A Salsa como Ferramenta Pedagógica para o Estudo do Ritmo no Contexto da Percepção Musical. *Nupeart*, Florianópolis, v. 8, 2010.

SILVEIRA, Natália Brunelli da; CASTRO, Marcos Câmara de. Sobre rítmicas "complexas" e métodos de ensino. *Revista da Tulha*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 160-192, jul./dez. 2018.

SLOBODA, John A. *A mente musical*. Trad. Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008

VIGOTSKI, Lev S. A percepção e seu desenvolvimento na infância. In: VIGOTSKI, Lev S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 3-27.

